



VAMOS TIRAR A VENDA DOS OLHOS?

DENNIS DE OLIVEIRA*

Brincar de pique-esconde é muito legal. Um conta até vinte, os outros se escondem e depois o encarregado de procurar os amigos sai, sorrateiro, buscando pistas para encontrá-los. Quando encontra, é uma alegria e uma correria para ver quem chega primeiro ao pique.

Jogar futebol é um desafio. Quem está com a bola precisa passar pelo adversário, que por sua vez tenta todas as artimanhas para impedir a passagem do outro. Descobrir o jeito de passar pelo outro é estimulante.

Enfim, brincar é sempre descobrir coisas novas. É jogar com cada situação. Por isso, brincar é uma forma também de conhecer o novo e estimular nossa criatividade.

VAMOS BRINCAR DE PIQUE-ESCONDE E DESCOBRIR PESSOAS ESCONDIDAS?

O Brasil tem uma grande presença de negros e afrodescendentes, que deixaram marcas profundas da sua cultura. Porém, essas marcas estão escondidas. Não porque querem, mas porque quem está brincando de pique-esconde com elas ainda não destampou os olhos.

A brincadeira assim está errada. É preciso abrir os olhos e ver. Está fácil achar. Ali pertinho tem uns meninos jogando capoeira, tocando berimbau. Parece uma dança, ataque e defesa parecem combinados de tão certinho que um se encaixa no outro. Música e corpo quase que se fundem em uma coisa só.

.....

* Professor do curso de Jornalismo da ECA, do Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política da EACH e da área de Direitos Humanos da Faculdade de Direito, todos da Universidade de São Paulo (USP). Coordenador do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc) e membro do Coletivo Quilombação.

Do outro lado da rua, tem uma senhora que joga búzios, anda de colar de contas e benze quem vai lá procurando proteção. Na casa dela, um monte de figuras de orixás, cada um deles simbolizando energias e forças da natureza. As pessoas vão lá à busca de conforto, da mesma forma que outros vão a igrejas. A bondade nos seus olhos é a mesma que se vê em qualquer outro sacerdote religioso.

De domingo, um pessoal sempre se reúne para tocar música. Trazem instrumentos de percussão, cavaquinho e cantam como se estivessem rezando, tal é a emoção que sai das suas vozes e ritmos. Assim também é a dança de quem está do lado.

Bonita é mesmo a forma que outra senhora, também da casa dos búzios, trata as plantas e animais. Cada planta tem um significado, conta ela, assim como os bichinhos. Mas as plantas também têm seus segredos, e a mulher sabe muito deles, a ponto de sempre ter uma receita para curar cada dor. Funciona, e a mulher nem cursou Medicina!

Quando se tira a venda dos olhos, a gente vê o mundo muito colorido e cheio de ginga. Fica trançadinho, como o cabelo de uma menina que mora no bairro, irmã de um dos caras que jogam capoeira todo dia.

Tem muito mais gente nova no pedaço. A felicidade de descobrir isso é igual quando a gente acha o amigo no pique-esconde. É muito chato brincar e não achar ninguém. Por isso, precisamos tirar a venda dos olhos.

VAMOS DRIBLAR QUEM PÕE A VENDA E NÃO QUER TIRAR?

O preconceito e o racismo são como tampar o olho para não enxergar direito. Para destampá-lo, é preciso driblar, passar pelo adversário como em um jogo de futebol.

Primeiro, é preciso conhecer o adversário. O racismo contra a população negra brasileira existe em função da escravização de africanos que durou mais de trezentos anos no Brasil. Mesmo mais de um século após a abolição, a população negra brasileira continua

sendo vítima de preconceito e racismo. Por isso, apesar da riqueza da sua sabedoria e cultura, muitos não enxergam. Ou veem de forma distorcida.

Depois, conhecendo o adversário, é preciso driblá-lo. Como a gente dribla o preconceito? Com informação, com conhecimento, entendendo tudo isto e brincando junto.

No futebol, tem adversário que gosta de derrubar o outro que tenta driblar. É um jogo desleal. O racismo e o preconceito são assim: adversários desleais. Querem derrubar o outro, não querem brincar, não querem respeitar o outro. Querem vencer a qualquer custo, mesmo que se demonstre que estão errados. Cartão vermelho para eles.

Quando driblamos o preconceito, o que a gente descobre?

Descobrimos nossos amigos, e agora dá para saber muita coisa mais. Dá para saber que o Brasil tem mais de 50% da população composta por negros e descendentes, segundo os dados do IBGE. Salvador, capital da Bahia, é a maior cidade negra do mundo fora da África.

Ainda descobrindo mais coisas escondidas: será que é só dança, música, capoeira, religião que vieram com os africanos? Tem mais.

Tirando a venda dos olhos, a gente fica sabendo que os africanos trouxeram para o Brasil a tecnologia do trabalho com o ferro (a metalurgia). E o Brasil é um dos países mais avançados nessa área, principalmente na siderurgia.

Os africanos também vieram para cá trazendo o conhecimento do subsolo, isso na época da mineração e do ciclo do ouro. E hoje o Brasil tem uma tecnologia avançada de extração de petróleo em águas profundas.

Ter preconceito é tapar os olhos e não enxergar o outro – mas é também não enxergar onde estou e também a mim mesmo. Diante disso, falar em construção de cidadãos com consciência multiétnica significa, necessariamente, ter como referência que a realidade comporta múltiplas interpretações, múltiplas formas de entendimento e que as expressões culturais são exatamente isso.

• • • • •